

## Mãe sobre quilombo não é racista, decide TJ gaúcho

A 6ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul confirmou, por unanimidade, que a música “Quilombo das Luzia”, de autoria de Pedro Ortaça e Júlio César Fontele dos Santos, não tem conteúdo racista. Com este entendimento, o colegiado considerou improcedente o recurso interposto pelas filhas de Luzia Rodrigues Nenê, que morreu em fevereiro de 1996, contra sentença que chegou a mesma conclusão em primeiro grau. A juíza Letícia Bernardes da Silva, da 6ª Vara Cível da Comarca de Caxias do Sul, também entendeu que a música não é racista. O julgamento do caso aconteceu no dia 24 de fevereiro. Cabe recurso.

Na ação contra Pedro, Júlio César e a ACIT Comercial e Fonográfica Ltda, as cinco filhas afirmaram que se sentiram lesadas pela exposição pública, sem consentimento delas, do nome da mãe e da tia na música “Quilombo das Luzia”. Também atribuíram a prática de racismo e ofensa à imagem da família. Requereram o pagamento de indenização pelos danos morais e materiais.

O desembargador Artur Arnildo Ludwig, relator do recurso, disse que não há qualquer conteúdo racista na letra. “A letra nada mais é do que um resgate histórico de um quilombo que existiu em Santo Antônio das Missões e não atinge a imagem e a honra daquele povo.” Ele observou ainda que, conforme ressaltado pela juíza de primeiro grau, não há prova nos autos capaz de demonstrar efetivamente que a pessoa referida na música é a mãe das apelantes. Por fim, ele afirmou que não há, no caso, qualquer conteúdo ofensivo oriundo da letra capaz de configurar o agir ilícito — elemento essencial para caracterizar a responsabilidade civil.

Veja o conteúdo da letra da música:

*De além-mar vieram os negros africanos para o Brasil. Não por vontade própria. Vieram como escravos. Pelearam em guerras e revoluções, para defender uma pátria que nem sua era. Inclusive, o Rio Grande do Sul. Espalharam a sua cultura por todo este continente. Na vila 13, nas Missões, também existia um quilombo...*

*Das Luzia...*

*Que era bem assim...*

*Raça negra dominando na vila 13 vivia*

*Carvão na pele curtida*

*Brasa no olho que ardia*

*E a liberdade na alma no quilombo das Luzia*

*Africanos quase puros*

*Uma clã de raça brava*

*Que quando estanha os olhos*

*Ou quando afrouxa a baba*

*Ficam pior que temporal*

*Quando com fúria desaba.*



*Certa feita, a autoridade  
Quis prender as negras Luzia  
Foram os ratos e os baios  
E mais o povo que podia  
E o quilombo pegou fogo  
E o chão de medo tremia*

*Peleavam se conversando  
Cotejando no facão  
Não gostavam dos de farda  
Dos paisana também não  
E a cada estouro das negras  
Um branco beijava o chão*

*Enquanto da briga crescia  
Que cerrava a polvadeira  
As Luzia davam laço  
Com panela e com chaleira  
E até os negrinhos de colo  
Davam pau com as mamadeiras*

*— Anda lacaio, negro não ameaça, negro dá!!!  
A negra fúria guerreira  
Não se dobra ao opressor  
Enfrentam de alma aberta  
O chicote e o feitor  
Quem nasceu para ser livre  
De pouco interessa a cor.*

*Com informações da Assessoria de Imprensa do TJ-RS.*

**Autores:** Redação ConJur